CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA INTELECTUAL NEGRA INSURGENTE

Daiane Silva de Oliveira Costa13

Resumo: O artigo "Conceição Evaristo: Uma Intelectual Negra Insurgente" explora a trajetória de Conceição Evaristo como um importante figura intelectual e literária brasileira. Evaristo é reconhecida por sua atuação nas lutas contra o racismo, as desigualdades de gênero e pelo fortalecimento do feminismo negro. Seu trabalho ultrapassa os limites acadêmicos, refletindo sua participação em movimentos sociais e o uso da literatura como ferramenta de resistência. Evaristo, autora de obras que subvertem o cânone literário eurocêntrico, retrata as lutas, dores e resistências do povo negro, em especial das mulheres negras. Com uma carreira literária de projeção internacional, suas obras são tanto uma forma de denúncia social quanto um meio de valorizar e dar visibilidade às narrativas negras, historicamente silenciadas. A autora, uma mulher negra insurgente, rompeu barreiras sociais e literárias, tornando-se uma figura influente no cenário literário e acadêmico.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Intelectual negra; Literatura negra

CONCEÇAO EVARISTO: AN INSURGENT BLACK INTELLECTUAL

13 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Professores.

Abstract: The article "Conceição Evaristo: An Insurgent Black Intellectual" explores the trajectory of Conceição Evaristo as an important Brazilian intellectual and literary figure. Evaristo is recognized for her work in the fight against racism, gender inequalities and for the strengthening of black feminism. His work goes beyond academic limits, reflecting his participation in social movements and the use of literature as a tool of resistance. Evaristo, author of works that subvert the Eurocentric literary canon, portrays the struggles, pain and resistance of black people, especially black women. With a literary career of international prominence, his works are both a form of social denunciation and a means of valuing and giving visibility to historically silenced black narratives. The author, an insurgent black woman, broke social and literary barriers, becoming an influential figure on the literary and academic scene.

Keywords: Conceição Evaristo; Black intellectual; black literature

PARÁGRAFO INTRODUTÓRIO

A trajetória de Conceição Evaristo, uma das mais influentes intelectuais e escritoras negras do Brasil, é marcada por sua luta constante contra o racismo, as desigualdades de gênero e a invisibilização das vozes negras na sociedade. Este artigo analisa sua atuação como uma intelectual insurgente que utiliza a literatura como ferramenta de resistência, desafiando o cânone literário eurocêntrico e dando visibilidade às histórias e experiências do povo negro, em especial das mulheres. Ao longo de sua carreira literária, de projeção

internacional, Evaristo construiu uma obra que denuncia as opressões e subverte as estruturas de poder vigentes.

De acordo com Ribeiro (2012), a formação da intelectual negra vai para além da formação acadêmica, está relacionada com suas participações e contribuições às lutas, através da militância nos movimentos negros e sociais de resistência, como: participações em oficinas, palestras, cursos em Associações, ONGs, federações, coletivos etc. Evaristo é uma das vozes potentes que tem feito participações e contribuições fortalecendo a comunidade negra brasileira. A sua atuação, dentro e fora da universidade, na luta cotidiana contra as desigualdades de gênero, de combate ao racismo, na atuação do feminismo negro, torna-a uma intelectual que ultrapassa as barreiras da academia.

Para além da sua atuação nas diversas frentes antirracistas, é através da literatura negra que ela também atua, pois sabemos que a nossa história foi/é marcada por opressões e silenciamentos, em que a literatura canônica tem sido utilizada como instrumento marcador de desigualdades, por ser pautada com bases no eurocentrismo (hétero, branco e cristão), que esteve a serviço do poder vigente em diferentes épocas, silenciando, ocultando e estereotipando histórias de determinados grupos étnicos, a exemplo dos negros. Apesar disso,

diversas escritoras negras, como por exemplo Conceição Evaristo, têm escrito outras narrativas sobre esse grupo, trazendo à tona vozes que foram silenciadas historicamente, denunciando diversos tipos de violências, retratando o difícil cotidiano, as dores e as lutas de sujeitos subalternizados, inclusive de mulheres negras. Ela tem subvertido o que a hegemonia literária insistentemente tem divulgado.

Conceição Evaristo, mulher preta, é uma insurgente, pois ela consegue com os seus textos romper fortes barreiras sociais. Além de ser a própria experiência de que o estudo e a educação são importantes para a emancipação da mulher negra, ela escreve e reescreve histórias de lutas e resistências de homens e mulheres com histórias "lidas como desinteressante" para a literatura hegemônica. Mostra, através de sua existência e das suas obras, que o povo preto tem outras habilidades que vão além do cantar, de dançar e cozinhar, mostrando desenvoltura e conhecimento para executar a linguagem literária. Dessa forma, enquanto Intelectual Insurgente expõe a cara e as dores causadas pelas desigualdades sociais.

As escritoras negras, como Conceição Evaristo, podem ser consideradas insurgentes, pois suas obras desafiam as imposições hegemônicas da literatura tradicional. Como sugere Souza (2005), um indivíduo ou grupo insurgente é aquele que adota uma ideologia ou

opinião contrária ao poder dominante, assumindo, assim, uma postura transgressora ou revolucionária. Esse é precisamente o papel que muitas dessas autoras desempenham ao escrever narrativas que subvertem o cânone literário eurocêntrico. Elas trazem à tona histórias e experiências do povo negro, sobretudo das mulheres, que foram silenciadas ou distorcidas ao longo da história, criando, assim, uma literatura de resistência.

Com relação a luta feminista negra, é fundamental valorizar, incentivar e chamar a atenção para as possibilidades de um futuro melhor, o qual esteja amparado pela pesquisa sobre o protagonismo intelectual das mulheres negras nas academias e nas ruas como uma forma de resistência de superação e de empoderamento. Como afirma Hooks

> O ensaio de Cornet West O Dilema do Intelectual Negro foi escrito num momento histórico em que a existência de um enfoque feminista sobre o gênero sexual devia ter levado qualquer estudioso a considerar o impacto dos papeis sexuais e do sexismo. Contudo West não olha especificamente a vida intelectual da negra não reconhece o impacto do gênero nem discute o modo como as ideias sexistas de papéis masculino/femininos são fatores que informam e moldam tanto nosso senso do que é ou pode ser a intelectual negra quanto sua relação com um

> mundo de ideias que transcendem produções individuais. (HOOKS, 1995, p. 466)

O ensaio de Cornel West, “O Dilema do Intelectual Negro”, foi escrito em um contexto histórico no qual um enfoque feminista sobre o gênero deveria ter levado estudiosos a refletir sobre o impacto do sexismo e dos papéis sexuais na vida das intelectuais negras. Como destaca Hooks (1995, p. 466), West não aborda especificamente a trajetória dessas mulheres, nem reconhece a influência do gênero na formação das intelectuais negras. Ele também não discute como as ideias sexistas sobre papéis masculino/feminino afetam nossa compreensão do que a intelectual negra é ou pode ser. Essa omissão ignora que as produções intelectuais dessas mulheres estão inseridas em um mundo de ideias que transcende criações individuais, sendo fortemente influenciadas pelas dinâmicas de opressão de raça e gênero. Para as escritoras negras, o reconhecimento dessas intersecções é fundamental, pois suas obras refletem não apenas a resistência racial, mas também a luta contra o sexismo, moldando uma produção literária e intelectual que questiona e subverte as imposições sociais.

As dificuldades das mulheres negras terem acesso ao espaço de poder sempre foi uma realidade. Isso tem sido representado nos

meios de comunicação e nas artes, de modo geral, como uma maneira de fixar a imagem desses corpos em espaços de menos prestígio social; mas quando acontece o rompimento dessa barreira de preconceito, através da educação, é percebido com espanto e preconceito.

As críticas literárias sobre os textos de escritoras negras ainda são poucas. Porém, a situação está se modificando, de modo que Conceição Evaristo, e várias outras escritoras(es), vem cada dia mais ocupando importantes espaços, a exemplo do cenário literário e acadêmico. Apesar das dificuldades enfrentadas para o enfrentamento dos preconceitos de raça e gênero, Evaristo tem, através de sua escrita literária, driblado os padrões impostos pelo cânone, o que faz com que suas obras sejam lidas e debatidas com intuito de dar visibilidade às histórias dos povos negros, utilizando suas escritas como ferramentas para contar uma outra realidade dos negros.

Conceição Evaristo de Brito é uma das principais e mais influentes escritoras da literatura negra da atualidade. Nascida em 29 de dezembro de 1946, em uma favela da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais, ela teve que conciliar os estudos com o trabalho, como empregada doméstica, até o curso normal. Em 1971, já aos 25 anos, tornou-se também uma escritora negra de projeção internacional,

com livros traduzidos em diferentes idiomas. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos Cadernos Negros; em conseguinte, publicou diversos poemas e contos. Conceição é doutora em Literatura comparada, pela Universidade Federal Fluminense; na década de 1980 entrou em contato com o grupo Quilombhoje, um coletivo cultural formado por pessoas que organizam atividades culturais, festas, exposições, caminhadas, e que também é responsável pela publicação da série Cadernos Negros. Ela é participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país e através de suas escritas ela consegue fazer denúncias sociais.

A autora viveu em uma comunidade pobre, porém em um ambiente rico de palavras e histórias da literatura oral. Desde criança foi dedicada aos estudos, fazia faxina em troca de livros, levava os irmãos e os vizinhos para escola, o que lhe rendia alguns trocados. Conheceu cedo o trabalho e a solidariedade; cresceu em espaços de brincadeiras, cantigas e poesias. Além de tratar o cotidiano duro e triste da população negra, suas obras abordam temática sobre amor, erotismo, identidades, dentre outros temas.

Suas principais publicações: em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte, com uma

narrativa não-linear marcada por seguidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, e teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos, TCCs, dissertações e teses acadêmicas. Em 2006, traz à luz seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, o drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, foi lançado nos Estados Unidos a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, pela Host Publications. Vários lançamentos foram realizados, seguidos de palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas. Já sua poesia, até então restrita às antologias e à série Cadernos Negros, ganha maior visibilidade a partir da publicação, em 2008, do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em que, mais uma vez, trabalha o

universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2013, a obra antes citada, *Becos da Memória,* ganha nova edição pela Editora Mulheres, de Florianópolis, e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários. No ano seguinte, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas". Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de Leves Enganos e Parecenças.*

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA: UMA REFLEXÃO SOBRE RAÇA E GÊNERO

Há séculos as mulheres negras foram, e ainda são representadas por homens, brancos, héteros, cristãos. Isso contribuiu para a sub-representação dessas sujeitas na literatura brasileira, sendo inferiorizadas, sexualizadas, subalternizadas e atravessadas por vários estereótipos e violências. Mesmo ficando de fora do cânone literário, essas mulheres, a exemplo de Evaristo, sempre reagiram de diversas maneiras, no campo da escrita literária. A escritora atua e escreve de modo que inspira as mulheres ao contato com a literatura e educação.

Mesmo enfrentando diversos desafios, elas continuam escrevendo textos literários que podem ser lidos como o que Conceição Evaristo denomina de "Escrevivência", que é a escrita de si,

unindo a escrita com a vivência, resultando em uma autorrepresentação das experiências. A autora cunhou o termo “Escrevivências” para nomear seu procedimento narrativo: misturando invenção e fato. “Escreviver” é contar, a partir de uma realidade particular, uma história que aponta para uma coletividade. Como nos afirma Hermínio, no site do instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo:

> Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, "a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade. [..] "a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade(HERMINIO,202)

Essa forma de se expressar através da literatura é uma prática de luta e resistência há muito tempo, mas as escritoras do passado enfrentaram proibições de um contexto social bastante difícil, situações de invisibilidade, silenciamento e arquivamentos de suas produções. As suas produções foram arquivadas, engavetadas, num período em que elas não tinham suas escritas publicadas. Elas

escondiam seus diários por medo de represália dos homens da família, pois corriam o risco de terem suas produções queimadas ou arquivadas por acreditarem que escrever era uma atividade que não fazia parte do universo feminino. Esses homens alegavam que era uma atitude para protegê-las da família tradicional, pois criavam suas filhas com a finalidade de casar e ter filhos, o que consideravam ser obrigação da mulher: se limitar a cuidar da casa, dos filhos e esposo; e aprender a ler e a escrever eram apenas para manusear seus cadernos de receitas culinária, ou para organizar as tarefas domésticas. Isso se refere, especificamente, a uma realidade de mulher branca.

Ainda assim, produziam e escondiam suas produções, ou se escondiam atrás de pseudônimos masculinos. Assim, tais escritas foram sendo silenciadas e esquecidas. Diante disso, Constância Duarte faz a seguinte afirmação, em seu artigo *Mulheres Anarquivadas História de uma História Mal Contada.*

> Ao visitar bibliotecas à procura de obras escritas por mulheres, e constatar o número quase insignificante desta produção, atribuiu à profunda misoginia que não cansava de afirmar a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino as poucas chances que então eram dadas às mulheres. E resumiu assim as condições necessárias para que o talento criativo pudesse surgir: era

> preciso ter um quarto próprio e serem minimamente independentes e instruídas. A exclusão cultural estava associada irremediavelmente à submissão e à dependência econômica. (DUARTE, 2009, p. 11)

Ao fazer essa afirmação, a autora deixa evidente como acontecia o processo de escrita das mulheres do século passado, mas isso é referente à realidade de mulheres brancas. Imagina pensar nessa cena para a realidade de mulheres negras? Na contemporaneidade, as dificuldades também existem, pois as condições de vida delas é um desafio diário de sobrevivência. Fica o seguinte questionamento: as mulheres negras teriam/têm essas condições para a produção de suas obras? Sabemos que a situação da maioria das escritoras negras do nosso país é diferente, pois, em sua maioria, elas precisam trabalhar, estudar, cuidar dos filhos, muitas vezes abrindo mão do objetivo de ser escritora para cuidar da vida pessoal. A falta de oportunidade, dessa forma, impossibilita esse lugar da escrita, já que nesse contexto, elas nem sequer teriam um suposto quarto próprio, como a autora enfatiza. A maioria das mulheres precisam sustentar a casa e, por isso, em alguns casos, a vida acadêmica vai ficando para trás. Elas continuam sendo representadas como incapazes, inferiores, sem condições para todo esse deleite e

para a produção das suas “Escrevivências”. Quando as mulheres negras conseguem produzir, suas obras são questionadas, como afirma hooks (1995, p.468)

> E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê e um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela esta neste planeta principalmente para servir [..]

As intelectuais negras contribuem com a construção do conhecimento em escolas, faculdades e universidades do mundo inteiro. São Pensadoras, criativas que questionam e transgridem a ordem do discurso vigente, ao exigir seus direitos como produtoras literárias, fundamentais para a construção de uma literária democrática, trazendo a tona vozes que há séculos foram silenciadas.

No entanto, com relação às dificuldades da editoração, esta realidade tem sido driblada através da participação dessas escritoras

em coletâneas, em saraus e em publicações nas redes sociais, principalmente em blogs. Ao mesmo tempo, a participação das intelectuais negras, como professoras, pesquisadoras e cientistas, tem sido o início do avanço de uma inclusão com a capacidade de promover mudanças importantes na vida e na literatura. Apesar da quantidade de estudos e produções acerca dessas temáticas no meio acadêmicos atualmente, tal interesse nessa linha de pesquisa ainda é recente e, talvez por isso, eles ainda estão ausentes na maioria dos meios educacionais e literários. Segundo Souza só nos anos 80 alguns escritores negros começaram ser estudados na academia.

> A partir dos finais das décadas de 1980 os textos de Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus, Abdias do Nascimento, Ruth Guimarães, Solano Trindade são reeditados e começam a ser estudados sistematicamente em cursos de graduação de pós-graduação em universidades brasileiras. (SOUZA. 2005, p. 64)

Contudo, no caso da ABL - Academia Brasileira de Letras -, nenhuma das suas cadeiras é ocupada por escritora negra. Desse modo, fica evidente a necessidade e a importância da nossa pesquisa para a reflexão desse processo de mudança cultural.

Ser mulher negra e escritora é um grande desafio, porque além de lidar com as questões do racismo, conectado com os empecilhos do

reconhecimento, a mulher negra enfrenta também o sexismo. A atuação no cenário da escrita vai além de realização pessoal e profissional, é, também, uma questão política, pois suas escritas e pesquisas contribuem para reparar injustiças históricas do machismo e do racismo estrutural no Brasil, um país extremamente sexista e racista em que a mulher preta precisa ser mutilada para ser aceita pelo padrão imposto pela sociedade, que é a mulher branca. Então, fica o questionamento: onde e como são vistas as mulheres que não se enquadram nesse padrão, já que rompem com as exigências sociais, pois são mulheres que se aceitam, se reconhecem negras e são escritoras, mestres e doutoras?

Mesmo em pleno séc. XXI ainda existe o pensamento retrógrado sobre as mulheres negras, como por exemplo: ser inferior ao homem. Diante disso, entendemos os incômodos que elas provocam ao levantar debates sobre as (re)escritas de si e do seu grupo étnico. Há séculos essas mulheres vêm ocupando os lares, trabalhando como empregadas domésticas, babás, cozinheiras; ocupando, na sociedade, o lugar da mulher forte, com o dom e aptidão apenas para servir, não sendo reconhecidas como profissionais de trabalhos com prestígio social que devem ser remunerados com justiça e direitos trabalhistas. Como observamos nos contos *Olhos d' Água, Maria e Duzu- Querença*,

que a população afro-brasileira resistiu, e ainda resiste, lutando diariamente para sobreviver, construindo esse país com suas experiências de dificuldades, superações e vitórias.

A escrita de Evaristo é uma forte demonstração de que as vidas e as histórias de pessoas pobres e sobreviventes, as quais foram tratadas como sendo de pouca importância pela literatura e pela sociedade em geral, são histórias reais, repletas de elementos capazes de gerar diferentes e interessantes narrativas.

Para a sociedade, o fato de serem pretas e pobres faz com que essas mulheres nasçam com o destino pré-estabelecido, longe da opção de se tornarem profissionais capazes de sair daquele círculo de miséria, o qual têm que enfrentar preconceitos constantemente para sobreviver.

Geralmente, quando as mulheres pretas bagunçam essa cadeia de empecilhos que tentam impedi-las de ter uma vida de liberdade, bem como destroem a barreira entre a cozinha e o universo acadêmico, causam estranhamento. Em alguns casos, quando uma doméstica diz para a sua patroa que precisa organizar o horário de trabalho, pois passou em um vestibular e vai cursar uma universidade, seja ela pública ou privada, os patrões deixam claro a descrença nessa

possibilidade, e acham que estão tirando uma vaga dos seus. Quando estes descobrem que ela se tornou uma escritora que está publicando livros, se tornou uma intelectual, neste momento fica evidente o racismo e o preconceito de gênero, pois a doméstica preta, filha da lavadeira, do pedreiro "jamais", na visão do grupo hegemônico, poderia deixar de seguir o mesmo destino dos pais para seguir um caminho diferente, no qual mostrasse a sua capacidade intelectual através da Escrevivência.

Para as mulheres negras superarem as barreiras que o preconceito impõe de gênero e de raça, é preciso enfrentar lutas constantes, desde a família até os ambientes escolares e de trabalho. Enfrentar o racismo, sexismo e patriarcado com a conscientização de que o seu lugar na sociedade é onde ela quiser. Elas têm desconstruído esse pensamento colonial e perverso através das suas escritas literárias. Pessoas brancas que se acham no direito de violentar pessoas negras são realidades que precisam ser escritas, ficcionadas e narradas. Pois a literatura é uma forma de lutar e questionar esse retrocesso.

As mulheres negras brasileiras que estão nas escolas precisam explorar a importância da literatura negra na educação como forma de luta, resistência e libertação, utilizando para isso obras de

escritoras(es) negras(os) como ferramentas importantes para ajudar no processo de construção das nossas identidades.

As escritoras negras produzem textos que se distanciam da literatura hegemônica, não reiteram os discursos e imagens de interesses do poder da elite. Conforme sinaliza Souza:

> Na literatura, nos estudos sociológicos, na música popular são vários os exemplos de representações de homens e mulheres afrodescendentes que, repetindo imagens estereotipadas, forjam relações intrínsecas entre fenotipia, caráter e sexualidade ou fenotipia e qualidades psicológicas (SOUZA, 2008, p.104)

Assim, essas escritoras têm forjado outras narrativas sobre si e seu grupo. São produções que subvertem narrativas que as colocam como menos importantes. Há vários exemplos de mulheres negras que passaram por essa situação, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, com o seu célebre livro intitulado *Quarto De Despejo Diário De Uma Favelada,* em que a autora apresenta uma vivência a partir de uma escrita real, que por muito tempo no Brasil foi considerada, por alguns escritores que fazem parte do chamado pedestal do cânone, como uma escrita irrelevante e desnecessária. A sua obra foi publicada e traduzida para vários idiomas em vários países, e apenas anos depois o Brasil publicou uma edição do livro, pois a sua produção não foi dada

a devida importância e valor. Consideravam que o seu livro não tinha importância para a literatura brasileira. Nesse livro, a autora Carolina Maria de Jesus afirma que:

> Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 1963, p.41)

Com esse fragmento, a autora demonstra nitidamente o que estaria por trás da negação de sua obra, o preconceito de gênero e raça, pois uma mulher negra, pobre, que não tinha nível de escolaridade desejável socialmente, para eles, não poderia trazer algo de importante para agregar à literatura brasileira. O que existiu, e ainda existe, foi uma tentativa de silenciamento e apagamento dessa voz. Situação parecida com a que já falamos neste trabalho, sobre a Conceição Evaristo não conseguir entrar para a Academia Brasileira de Letras - ABL, o que teria sido um avanço para a democratização da literatura em nosso país.

Para Lélia Gonzalez (2020), as questões de raça e gênero estão ligadas entre si, pois trata-se de questões de psicanálise que tem o

poder de levar o dominado a buscar se identificar com o dominador. Pedagogicamente, foi difundido que tudo que é bom, divino e bonito é o que representa o dominador. Neste sentido, a autora traz dois pontos importantes: a consciência que exclui e a memória que inclui. Sendo assim criaram consciências de inferioridade, de incapacidade cognitiva, etc. Porém as memórias que mantiveram aspectos importantes da cultura desses povos os incluindo como brasileiros que muito contribuíram para a formação da nação brasileira. Por isso, é urgente que a história seja reescrita, revelada como afirma González (2018) sobre a Emergência de verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção vai sendo passada através do estético e do lúdico. Trazer à tona verdades que foram silenciadas faz parte da rotina de escrita de escritoras brasileiras.

NOTAS INCONCLUSIVAS

É fato que o racismo ainda está entre nós de forma velada provocando situações de constrangimentos e dor, tentando o apagamento de vozes femininas que trazem suas verdades, expõem suas ideias e escrevem ausências. A escritora Miriam Alves, em seu artigo Literatura negra feminina no Brasil, pensando a existência, traz a seguinte afirmação:

> Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o "outro" dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no "lugar do silêncio", dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira (ALVES, 2010, p.6)

A mulher negra e escritora sempre esteve lá no lugar do silêncio ou em lugar nenhum. Ela é vista como a que não tem capacidade intelectual para estar escrevendo uma obra literária e quando esteve representada foi como personagem que ocupa espaços marginalizados. "O corpo de personagens negras femininas é exaltado na tradição literária brasileira como uma presença feminina altamente dotada de sexo, que se justapõe às representações sociais e literárias brasileiras [..]".(CARNEIRO, 2012, p.51)

No entanto, constatamos que inúmeras mulheres negras vêm quebrando diversos estereótipos e rompendo com as barreiras

impostas sobre seus corpos através da escrita. Elas estão escrevendo e apresentando personagens que mudam a forma como as mulheres negras têm sido representadas, sendo as protagonistas dessas histórias, donas de si. As mulheres que trabalham, que se sustentam, criam seus filhos, casadas, mães solos, protagonistas na vida e na literatura sendo representadas de diversas formas, como: advogadas, médicas, bombeiras, policiais, empreendedoras, cozinheiras, etc.

As escritoras negras têm muito a dizer, pois são protagonistas de histórias de resistências desde o período da colonização; importantes nos levantes, nas lutas por liberdade e na luta pelos direitos humanos, como, por exemplo, a Dandara dos Palmares. Elas continuam se organizando coletivamente para conquistar sua liberdade.

REFERENCIAS:

ALVES, Mirian. *A literatura negra feminina no brasil – pensando a existência*. v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

BETH, Joice *Empoderamento* / Joice Berth. -- São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) Bibliografia ISBN 978-85-98349-75-6

DUARTE, Constância. *Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história malcontada,* Niterói, 2009.

GONZALEZ, Lélia.: *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA

Editora, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo, diário de uma favelada.* São Paulo: 1963, p.41.

SOUZA, Florentina – "*Gênero e 'raça' na literatura brasileira". Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, pp.103-112

http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo

EVARISTO, Conceição*. Olhos d´água*. 1° edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

ESCREVIVÊNCIA: *A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. – Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira, SOUZA, Taise Campos de. *Escritoras Subalternas Negras: Por que incluí-las na aulas*?. V.19. revista fórum identidades. Itabaiana: Gepiadde, 2015.

GONZALEZ, Leila. *Racismo e sexismo cultura brasileira*. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244

HERMINIO, Beatriz. *Instituto de Estudos Avançados* da Universidade de São Paulo. Publicado em 03/02/2022 http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representações*/Bell hooks: tradução de Stephainie Borges. São Paulo: Elefante.2019.

SOUZA, Florentina. *Vozes negras na literatura afro-brasileira e insurgências em cadernos negros.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PDF) INTELECTUAIS NEGRAS bell hooks | Prepara Trans Cursinho - Academia

http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo#:~:text=Criado%20por%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Evaristo%2C%20o,explicou%20a%20escritora%20e%20educadora.